

NOÇÕES SOBRE SEGREGAÇÃO E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

CONCEPTS ABOUT SEGREGATION AND INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES

Fernando Dreissig de Moraes

Geógrafo e Mestre em Geografia

Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

fernando.moraes@rocketmail.com

RESUMO

Este artigo realiza algumas reflexões sobre a noção de segregação sob o ponto de vista das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), principalmente a Internet. A partir da articulação entre o referencial teórico, da análise de dados secundários e das impressões colhidas através de pesquisa realizada na própria rede, busca-se compreender as diferentes dimensões da segregação na Internet, consideradas aqui como “*offline*” (fora da Internet, ou seja, diretamente relacionada com a exclusão digital) e “*online*” (dentro da Internet, analisada sob o enfoque das redes sociais na Internet).

Palavras-chave: segregação; Tecnologias de Informação e Comunicação; Internet.

ABSTRACT

This paper aims to accomplish some thoughts about the concept of segregation under the terms of Information and Communication Technologies (ICTs), particularly the Internet. From the relationship between the theoretical framework, the analysis using secondary data and impressions collected by research conducted on web, seeks to understand the different dimensions of segregation on the Internet, considered here as “*offline*” (outside the internet, that is, directly related to the digital divide) and “*online*” (inside the Internet, analyzed from the standpoint of social networking sites).

Keywords: segregation; Information and Communication Technologies; Internet.

Introdução

O presente artigo tem, por objetivo, apresentar algumas reflexões a respeito da noção de segregação sob o viés das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), mais especificamente a Internet. Desse modo, o objetivo consiste em articular essas temáticas partindo da ideia da existência de uma dimensão segregadora através da Internet, tendo em vista as TICs como um elemento que também promove a segregação.

Assim, em um primeiro momento, partimos da discussão conceitual, com ênfase nos aspectos sociais e urbanos, no tópico “**Noções sobre segregação**”. Logo a seguir, no segundo tópico denominado “**Desigualdade e exclusão: elementos para uma ‘segregação digital’**”, nossa reflexão volta-se para outra vertente da relação entre segregação e Internet: a exclusão digital, uma matriz de exclusão social que surge em função da falta ou da precariedade de acesso às TICs. Apesar do crescimento recente no tocante à compra de computadores -

inclusive nas chamadas classes C e D, a quantidade de pessoas que jamais acessou a Internet continua sendo extremamente alta, deixando esses grupos segregados sob o ponto de vista do acesso a essas tecnologias. E isso apresenta grande correlação com outros níveis de segregação (principalmente em torno de indicadores sociais mais baixos) na cidade, pois os maiores índices de exclusão digital são correlacionados espacialmente com as áreas de periferias urbanas, nas quais a renda média das famílias é mais baixa. A esse caso, utilizamos o termo “segregação *offline*”.

Posteriormente, em “**Segregação *online*: a diferenciação dentro do ciberespaço**”, iniciamos uma reflexão acerca da segregação dentro da Internet, ou seja, inserida no próprio ciberespaço. O ciberespaço é aqui entendido como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2000. p. 92). Essa escolha é derivada da percepção da ocorrência de uma série de fenômenos e comportamentos (do ponto de vista cultural, econômico, político, social, etc.) existentes no espaço “real” que são reproduzidos no espaço “virtual”ⁱ. O ponto de partida dessa constatação centra-se nas redes sociais na Internet, sobretudo o Orkut, outrora mais popular portal do gênero no Brasil, tendo sido superado recentemente pelo Facebook (O GLOBO, 2011). Não tentaremos provar a existência de uma segregação *stricto sensu* no referido *site*, tal como ocorre nas cidades, onde determinados grupos tendem a se concentrar em um determinado local (embora isso também possa ser perceptível). Na verdade, o foco será muito mais a partir de qualificativos externos observados em fóruns de discussão, ou seja, a partir de uma visão (bastante pré-conceitual) de alguns usuários sobre outros usuários (inseridos na Internet, mesmo que precariamente), muitas vezes através de um termo bastante difundido na Internet: “maldita inclusão digital”, expressão muitas vezes associada ao ingresso de usuários de classes mais pobres. Também chamamos esse processo, no presente texto, de segregação *online*. Ainda no mesmo tópico, discutimos brevemente sobre outro processo espacial existente na cidade: invasão/sucessão (CORRÊA, 1997). A intenção dessa reflexão consiste em analisar, analogicamente, esse processo nas redes sociais na Internet, de maneira bastante semelhante ao processo no espaço urbano.

Procedimentos metodológicos

Primeiramente, foi realizada a busca do referencial teórico que legitimasse os noções e conceitos estudados neste artigo, sobretudo pelo viés da discussão sobre segregação (através de autores como Jacques Lévy, Michel Lussault, Edmond Préteicelle, entre outros) e sua relação com a Internet (com base em trabalhos de Manuel Castells, Bernardo Sorj, Jeffer Chaparro, entre outros). Posteriormente, foram coletados dados secundários para melhor

Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. V 3, n.1, p 1 -18. Janeiro/julho. 2013.

ilustrar o contexto de pesquisa, principalmente oriundos do Comitê Gestor da Internet no Brasil e em portais de redes sociais na Internet, como Orkut e Facebook. Também se procedeu à navegação por estes portais, sobretudo o Orkut, no qual foram realizadas visitas a algumas “comunidades” que evocavam visões bastante preconceituosas e restritivas quanto ao crescimento da utilização da Internet (e conseqüentemente deste tipo de rede social) por pessoas de menor nível de renda.

Noções sobre segregação

O uso do termo “segregação” nos estudos sociológicos urbanos deriva da influência da Escola de Chicago, cujos principais expoentes foram Louis Wirth, Robert Park, Ernest Burgess e Robert McKenzie, fundadores da chamada “Ecologia Urbana”. O principal pressuposto teórico dessa corrente consistia, em suma, na associação entre o comportamento biótico e o comportamento social. Muitas contribuições aos estudos da sociedade e do urbano se devem à Escola de Chicago, tais como os trabalhos sobre a distribuição espacial entre centro e periferia, além da introdução de conceitos como simbiose, invasão, sucessão, estabilidade e meio ambiente. Conceitualmente, portanto, segregação seria:

Processo e estado de rígida separação espacial dos grupos sociais que se manifesta na constituição de áreas marcadas por uma fraca diversidade social, pelos limites nítidos entre estes espaços e ao qual se junta e se engloba a legitimação social, por uma parte dos atores, dos meios geradores destes processos e de seu estado (LÉVY & LUSSAULT, 2003).

Uma noção bastante cara para a compreensão deste fenômeno é a relação entre distribuição espacial e grupos sociais, não sendo esta apenas função do acesso ao solo, mas principalmente como uma estratégia dos atores produtores do espaço urbano em função da distância, estando os determinados grupos de características homogêneas localizados de acordo com diversos critérios, como nível de renda, classe social, etnia, faixa etária, ocupação profissional, entre outros. Por não estarmos tratando, neste trabalho, da segregação dentro da morfologia da cidade e da distribuição de grupos sociais, mas sim com um fenômeno eminentemente urbano, a acepção de segregação aqui utilizada vai ao encontro da noção de impedimento do uso das Tecnologias de Informação. Indo mais além, significa a existência de grupos segregados dentro da chamada “sociedade da informação”, seja de maneira parcial ou totalmente excluída desse contexto.

A distribuição espacial dos grupos sociais se dá de forma a garantir que os grupos mais fortes se apropriem dos recursos materiais da cidade com maior facilidade. Os recursos necessários à reprodução dos grupos sociais, desigualmente distribuídos no espaço urbano, refletem chances desiguais de acesso. Desta forma, a construção do espaço urbano é hierarquizada, segregada. A segregação espacial, aliada ao contexto de pobreza e desigualdades, faz surgir segmentos socialmente segregados, compostos por indivíduos sem acesso aos serviços básicos de infra-estrutura urbana

e com acesso limitado aos serviços sociais – como saúde e educação – e acesso marginal ao mercado de trabalho (MIRANDA-RIBEIRO & GARCIA, 2008, p. 3)

Assim, um elemento importante é a criação do distanciamento perante os demais indivíduos ou grupos. Esse distanciamento se dá de maneira externa (colocar os outros longe do seu próprio espaço de pertencimento) e/ou interna (repelir os outros indivíduos). Essa relação será extremamente importante no próximo tópico, quando trataremos da segregação na Internet, através da observação em comunidades em redes sociais, como no caso do Orkut.

Edmond Préteicelle (2004, p. 11), ao tratar sobre a produção científica acerca da segregação nas cidades, enfatiza que, atualmente, vem ocorrendo um processo de convergência dos estudos de pesquisadores a respeito dos processos sociais. Existe uma segregação em termos de pesquisa, pois os países do mundo desenvolvido apresentam melhores condições para atrair pesquisadores de diversas partes do mundo e para a valorização dos profissionais locais. Ele ainda afirma que:

Se a mundialização dos meios científicos é um dos processos de globalização mais antigos, ela foi acelerada pelo desenvolvimento dos meios de transporte e de telecomunicação; mas, por isso mesmo, neste ela foi sem dúvida progressivamente mais polarizada pelos países dominantes, que são também aqueles que dispõem do maior número de meios para fazer circular e para valorizar as idéias de seus pesquisadores e para atrair pesquisadores e estudantes (PRÉTEICELLE, 2004, p. 11).

No campo do estudo das transformações impostas pelas TICs na sociedade, percebe-se também uma maior concentração dos pesquisadores na Europa e na América do Norte, com destaque (apesar da grande diversidade de enfoques e linhas de pensamento) para Manuel Castells, Pierre Lévy, Howard Rheingold, Nicholas Negroponte, Paul Virilio, entre muitos outros. No Brasil, um dos principais expoentes é o sociólogo André Lemos, cuja linha de pesquisa tem se centrado sobre a cidade e as novas tecnologias de comunicação.

Em termos metodológicos, conforme Préteicelle (2004), algumas categorias devem ser levadas em conta para o estudo da segregação. Essa variável é bastante mutável de acordo com as diferentes “escolas”. Por exemplo, nos Estados Unidos, o enfoque é dado na questão racial; na França, por sua vez, os trabalhos têm se voltado para a segregação entre classes sociais ou entre diferentes categorias socioeconômicas, tal como ocorre no Brasil. Neste texto, o enfoque também é dado no âmbito das diferenças socioeconômicas, seja isso através dos impeditivos para a inclusão da população na chamada “sociedade da informação”, quanto pela segregação “intranrede”, promovida pelos próprios usuários e percebida aqui com o apoio de observações “empíricas” em comunidades virtuais na Internet.

No que tange às dificuldades metodológicas, outro elemento relevante nos estudos sobre segregação é a escala. Seria impossível pensar em escolher sempre um recorte mais

refinado, que demonstraria a verdadeira “geografia da divisão social”. Contudo, uma compreensão do todo normalmente é necessária para o entendimento de uma determinada conjuntura, seja em nível de bairro, município, nação, ou até mesmo uma rua ou imóvel. A escolha, portanto, deve ser “(...) aquela cuja escala corresponde à prática social da qual se quer privilegiar a análise” (PRÉTEICELLE, 2004, p. 15). Neste trabalho, o enfoque se dá principalmente na escala do urbano, embora também seja considerado o fenômeno em escala mais ampla, como a nacional.

As TICs, dentro de um contexto relacional entre formas e conteúdos espaciais, são uma das grandes responsáveis por agregar a dimensão do “espaço de fluxos” à cidade, expressão cunhada por Manuel Castells. Este seria o principal elemento fundador de uma nova forma espacial característica dos processos moldadores da sociedade em rede.

O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade (CASTELLS, 2008, p. 436).

A cidade, portanto, se apresenta como um local em que a inserção destes elementos do espaço de fluxos demonstra grande destaque. Nossa escolha baseia-se no entendimento de que “(...) a Internet, na maioria dos países em desenvolvimento, é um fenômeno concentrado fundamentalmente nos centros urbanos, em particular nas grandes cidades” (SORJ, 2003, p. 64).

Desigualdade e exclusão: elementos para uma “segregação digital”

Neste tópico, aprofundaremos uma análise a respeito da relação entre a desigualdade quanto ao acesso às Tecnologias de Informação e a emergência de um novo fenômeno: a segregação digital, sendo esta consequência direta da exclusão digital. Para Chaparro (2007), a exclusão digital também é conhecida pelos termos como “desigualdade digital”, “segregação digital” e “brecha digital”. A segregação digital está intrinsecamente relacionada com a manifestação de diferenças socioespaciais, vinculadas a aspectos como capital econômico, formação educacional, investimento público, acesso às infra-estruturas e adaptação a novas tecnologias. A partir disso, percebe-se a enorme gama de fatores relacionados a essa problemática, que tornam ainda mais complexa a tentativa de reduzir a carência de acesso à Internet. Entretanto, de acordo com o nosso entendimento, procuramos realizar uma distinção entre as noções de “exclusão” e “segregação”. A diferença entre as duas se dá no caráter de cada uma: enquanto esta última refere-se à falta ou à precariedade de

acesso, a primeira consiste em uma situação processual e mais contínua, resultando em um novo elemento de divisão na sociedade.

Conforme Ana Fani Alessandri Carlos:

A sociedade assentada no sistema produtor de mercadorias fundado na existência da propriedade – do solo, dos meios de produção e do dinheiro – ao se desenvolver não só inundou o mundo de produtos – sempre novos, assentados na obsolescência forjada e na moda do efêmero – mas produziu um conjunto de relações sociais subsumidas a essa lógica. É assim que a crise se revela e é vivida em vários níveis (CARLOS, 2006, p. 48).

As considerações da autora a respeito da crise urbana são bastante reveladoras para o caso em estudo. A constante inovação observada nos produtos do ramo de informática e telecomunicação tem agravado ainda mais a situação da segregação digital. De maneira cada vez mais intensa e rápida, esses equipamentos têm se tornado obsoletos em períodos cada vez mais curtos, o que torna o processo ainda mais cruel. Para Sorj (2003, p. 60), “as tecnologias estão em constante movimento, e aquilo que parece o ponto de chegada rapidamente fica obsoleto”. Enquanto o telefone ainda é um instrumento pouco conhecido para uma parcela significativa da população mundial, na outra ponta, torna-se um equipamento cada vez mais secundário em função do crescimento da Internet e, mais recentemente, de aparelhos como *smartphones* que agregam uma série de funções dos computadores – e ainda agregam o qualificativo da mobilidade.

A falta de acesso às TICs proporciona uma série de elementos de segregação. Um deles se refere às oportunidades de trabalho. Face ao atual estágio de desenvolvimento do sistema capitalista, no qual a velocidade da informação e dos dados é condição fundamental para o funcionamento de empresas, corporações e órgãos públicos, o conhecimento em informática (mesmo que de maneira básica) consiste em um pré-requisito para a maioria das profissões. Desse modo, indivíduos que não possuem esses conhecimentos tendem a enfrentar maior dificuldade para conseguir alguns tipos de emprego.

Ainda neste mote do mundo do trabalho, dentro de uma escala mais ampla, a telemática pode ser usada para gerar crescimento econômico, também conhecido como “e-desenvolvimento”. Dentro deste tema, sobressaem-se questões como orientação de investimentos, políticas de recursos humanos, de ciência e tecnologia, de política industrial e de comércio exterior (SORJ, 2003). Exemplos de áreas com forte investimento em Tecnologia de Informação são os polos tecnológicos (ou tecnopolos), no qual empresas são atraídas, sob a lógica das economias de aglomeração, através de isenção de impostos e da parceria com universidades e centros de pesquisa, normalmente sob o comando de empresários e pesquisadores, mas também com participação do Estado em alguns casos. De acordo com a

luminosos”, por serem áreas de atração e de grande desenvolvimento econômico, aquelas que mais acumulam densidades técnicas e informacionais.

A segregação digital é retrato da exclusão digital, e agrega um elemento de desigualdade entre a sociedade. A penetração das tecnologias de informação mede a distância relativa de acesso a produtos, serviços e benefícios decorrentes de seu uso entre os diferentes segmentos da população, principalmente em termos de grupos de renda e de faixa etária. O primeiro é função básica dos custos para a compra e manutenção de rede e equipamentos, enquanto o segundo é condicionado principalmente pela maior dificuldade para treinamento e conhecimento (como no caso de pessoas mais idosas, por exemplo). Ou seja, jovens com mais renda teriam maior possibilidade de incluir-se digitalmente em comparação a pessoas mais velhas e pobres.

Tal como qualquer inovação social, o impacto das TICs aumenta potencialmente a desigualdade social, já que os primeiros a se apropriarem destes mecanismos são as camadas mais ricas da população. Desse modo, o combate à exclusão digital não significa apenas a busca por uma maior acessibilidade, mas principalmente evitar um aumento da desigualdade – e, em consequência, a segregação – entre aqueles que têm e os que não têm.

Desse modo, existe uma série de elementos que podem servir de subsídio (um termômetro) para medir o grau de segregação digital de determinados grupos sociais. Entre eles, destacamos a disponibilidade das plataformas de acesso, nível de escolaridade e tipos de uso dos conteúdos digitais (o “saber-usar” as tecnologias além do simples entretenimento, por mais que essa categoria também seja relevante). Bernardo Sorj destaca cinco fatores que determinam a maior ou menor universalização dos sistemas telemáticos:

(...) 1) a existência de infra-estruturas físicas de transmissão; 2) a disponibilidade de equipamentos/conexão de acesso (computador/modem/linha de acesso); 3) treinamento no uso dos instrumentos do computador e da Internet; 4) capacitação intelectual e inserção social do usuário, produto da profissão, do nível educacional e intelectual e de sua rede social, que determina o aproveitamento efetivo da informação e das necessidades de comunicação pela Internet; 5) a produção e uso dos conteúdos específicos adequados às necessidades dos diversos segmentos da população (SORJ, 2003, p. 63).

É importante ressaltar que cada fator é determinante e condição necessária para o fator posterior. Ou seja, de pouco adianta pensar em uma política de treinamento e capacitação nas tecnologias sem a disponibilidade de infraestrutura de conexão e equipamentos físicos. O investimento na promoção de melhorias específicas a esses fatores proporciona um aumento da inclusão de grupos digitalmente excluídos e, por conseguinte, diminui sua posição segregada dentro do contexto da “sociedade da informação”. Vejamos de maneira um pouco mais aprofundada cada um deles e de que maneira os mesmos se inserem dentro dessa trama.

- Infraestruturas de acesso: constituídas pelos sistemas técnicos de transmissão e comunicação de dados, tal como linha telefônica (banda estreita e larga), celular, *wireless*, rede elétrica ou TV a cabo. A existência destes serviços depende da existência de provedores. Eis mais um elemento importante para caracterizar a segregação digital *offline*. Por ser uma concessão pública para empresas privadas, a instalação dessas infraestruturas normalmente depende do interesse comercial de companhias telefônicas, TV a cabo ou Internet. A área mais prejudicada neste processo é a periferia da cidade, devido à maior distância para a instalação de cabos (e outras estruturas associadas) e, principalmente, ao menor poder aquisitivo da população residente. O resultado disso pode ser a inviabilidade da instalação de Internet em banda larga nessas regiões ou então a dependência de uma única empresa, impedindo a concorrência. Nesse caso, quando existe o sinal, normalmente os serviços oferecidos são de qualidade inferior a outras áreas (velocidade de banda larga inferior).

- Equipamentos de acesso: representados principalmente pelo computador pessoal com modem e provedor de serviços, mas também devendo ser considerados celulares, *videogames* e televisões digitais. Os locais de acesso individual mais frequente são, na ordem, a própria residência (59%), centros pagos de acesso (14%), trabalho (12%), casa de outras pessoas (8%), escola (3%) e centro público de acesso (1%), conforme dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2012). Apesar do crescimento recente do número de residências com computador e da expansão do acesso à Internet, os grupos mais pobres da população têm dificuldades para a compra de um computador e a manutenção de uma conta de telefone com Internet (seja pelos custos de ligações pela linha discada ou pela mensalidade de um provedor de banda larga). Em decorrência disso, visando uma diminuição dessa desigualdade, os mecanismos mais comuns por parte dos governos têm sido as políticas de preços subsidiados, reciclagem de computadores e apoio à construção de telecentros.

- Treinamento no uso dos instrumentos do computador e da Internet: também conhecido como alfabetização digital, refere-se à constituição de cursos em escolas, trabalho, telecentros ou em instituições privadas, e até mesmo pelo próprio manuseio com as Tecnologias de Informação e Comunicação, de maneira autodidata.

- Capacitação intelectual e inserção social do usuário: além do treinamento, um efetivo uso da telemática também pressupõe uma formação escolar e intelectual prévia. Desse modo, a “desigualdade social expressa nos desníveis educacionais se reproduz e é aprofundada pelo uso da Internet” (SORJ, 2003). Havendo índices de analfabetismo e semi-analfabetismo ainda relevantes em países subdesenvolvidos, a universalização da Internet,

mesmo com o crescimento do número de computadores e investimento em infraestrutura, continua sendo uma utopia.

Segregação online: a diferenciação dentro do ciberespaço

Neste tópico, trazemos para a reflexão algumas ideias acerca do processo de segregação existente dentro da Internet. O enfoque será dado aos “qualificativos” externos de alguns grupos (normalmente de usuários mais antigos) sobre outros (normalmente usuários mais recentes e de menor poder econômico), possuindo como mote principal a questão socioeconômica. Nesse quesito, questões como renda (ou, como é tratado por esses grupos, a inserção de “pobres”), local de moradia (“favelados”) e local de acesso à Internet (“malditas *lan houses*”) Ao contrário do que foi tratado no tópico anterior, a ocorrência desse fenômeno já é decorrência direta da inserção de grupos com inclusão normalmente mais tardia, e denota uma resistência e preconceito por parte de alguns usuários pela inserção de pessoas mais pobres. Trazemos inicialmente uma breve definição de redes sociais na Internet e sua importância no contexto da Sociedade da Informação. Logo após, discorreremos brevemente sobre o Orkut, sistema de rede social na Internet mais popular no Brasil entre 2004 e 2011ⁱⁱ e como essa segregação pode ser observada nessa rede, a partir de comunidades virtuais e manifestações públicas (postagens) de usuários. Ao final do tópico, discorreremos, de maneira breve, à luz da teoria de invasão/sucessão urbana (CORRÊA, 1997), uma analogia ao processo que percebemos estar em curso na Internet, a partir da migração de usuários entre Orkut e Facebook.

O crescimento da Internet, de seus serviços e de suas aplicações tem transformado a dimensão das relações e das práticas sociais, permitindo assim a consolidação de vínculos entre pessoas, grupos e organizações dos mais variados tipos, os quais começaram a se conectar através da *web*. A Internet potencializou a comunicação humana de maneira significativa, em uma intensidade que sequer poderia ser pensada até meados de década de 90. Surgem daí as redes sociais, que se constituíram muitas vezes de maneira circunscrita a espaços determinados, como grupos de apoio, grupos de jogos, escolas virtuais e outros grupos temáticos e de discussão (como o caso das listas de *e-mail*). Essas redes “(...) construíram uma nova espacialidade, além de acelerarem o tempo para o ‘agora’, ‘em tempo real’” (BARBOSA et al, 2010, p. 51).

A difusão das chamadas “redes sociais na Internet” é, hoje, uma realidade para as pessoas que estão minimamente inseridas no contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação. A origem dessa prática na Internet remonta-se às redes de *e-mail* (grupos de discussão), salas de bate-papo e fóruns para compartilhamento de idéias. O aprimoramento

destes elementos deu origem aos “*sites* de relacionamento”. Entre os principais dessa categoria no Brasil, destacam-se o Orkut, o Facebook e o Twitter.

As redes sociais constituem um espaço, no qual a interação entre as pessoas permite a construção coletiva, a mútua colaboração, a transformação e o compartilhamento de ideias em torno de interesses mútuos dos atores sociais que as compõem. A Internet potencializa o poder dessas redes, devido à velocidade e à capilaridade com as quais a divulgação e a absorção de ideias acontecem (BARBOSA et al., 2010, p. 52).

Na Internet, essas redes sociais são embasadas a partir de *sites* e *blogs* que permitem a interatividade, elemento básico para a sua constituição, sendo que “esses sistemas funcionam com o princípio fundamental da interação social, ou seja, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação e, portanto, podem ser utilizados para forjar laços sociais” (RECUERO, 2004, p. 7). É essa interação que permite o compartilhamento das idéias e dos interesses comuns. No caso aqui estudado, chamado de segregação *online*, o processo ocorre a partir de qualificativos de alguns grupos (provavelmente inseridos há mais tempo no contexto das TICs e de maior nível de renda) contra outros (de inserção mais recente e menor renda) a partir, portanto, das condições materiais de acesso à Internet. A exposição desses argumentos tem base em “locais” específicos, como comunidades ou tópicos nos fóruns, estruturas básicas do Orkut.

O Orkut foi criado em 2003 pelo engenheiro turco Orkut Büyükkökten, tendo sido lançado pela Google Inc. em janeiro de 2004, com o objetivo de competir com outras redes, como o MySpace e o Friendster. Inicialmente, o alvo de mercado eram os Estados Unidos, mas rapidamente o Brasil acabou se tornando a nação com o maior número de usuários. Conforme dados do próprio *site*ⁱⁱⁱ em janeiro de 2011, os brasileiros representavam 50,6% dos usuários, seguido por indianos (20,44%) e por estadunidenses (17,78%) (ORKUT, 2011).

O funcionamento básico da rede se constitui através dos “perfis” (nos quais os usuários podem compartilhar informações, fotos, envio de recados, estabelecimento de redes de amizades, etc) e das “comunidades” (criadas com o objetivo de agregar usuários através de um tema comum que caracteriza determinado grupo).

O Orkut é, ainda, um sistema que proporciona duas formas de interação social mediada por computador: a **interação mútua** (Primo, 1998 e 2003)^{iv}, que pode ser observada nos posts das comunidades (em estilo de fórum), onde cada um pode escrever o que deseja e receber manifestações em retorno; bem como nos scrapbooks dos perfis (uma espécie de caderno de notas, onde é possível deixar recados para os amigos e receber deles recados) e testemunhos; além de mensagens enviadas para uma comunidade ou para alguém em particular (...) (RECUERO, 2006, p. 2, grifo da autora)

Havendo a interação, o Orkut proporciona, portanto, o estabelecimento de uma rede social baseando-se em dois elementos: atores e conexões. O sistema funciona de modo a garantir, através do próprio *site*, a manutenção dessas relações sociais (RECUERO, 2006).

O sucesso do Orkut no Brasil começou a ser percebido já no primeiro semestre de 2004, com grande parte dos usuários sendo entusiastas da área de informática e profissionais da área de comunicação digital. Na época, o seu grande diferencial perante as outras redes existentes eram as “comunidades”. A possibilidade de exposição e discussão de ideias nos fóruns causou grande furor entre os primeiros participantes. Além disso, a entrada em comunidades agrega a cada perfil as características e gostos pessoais, sendo assim uma maneira de o usuário se identificar na rede por meio delas. Seriam uma espécie de “adesivo” exposto em cada perfil, auxiliando a demonstrar um pouco da sua personalidade. Essas comunidades giravam em torno de temas como música (artistas e estilos), esporte (agremiações esportivas, ídolos, etc.), cotidiano, instituições escolares, entre uma série de categorias^v. Houve uma época, durante o auge da rede no Brasil, em que havia o costume de criar comunidades para qualquer tipo de evento, indivíduo ou situação, fato que causou uma enorme profusão de novos grupos^{vi}. Havia também uma espécie de maior *status* dentro da rede para aqueles que possuíam maior quantidade de “amigos” associados em seus perfis, embora fosse possível que uma parcela desses “amigos” fosse composta por desconhecidos.

Nos seus primórdios, o ingresso dentro dessa rede social era semelhante era baseado em uma rede fechada, só podendo ingressar quem possuísse convite de outro usuário. Sendo assim, o Orkut era uma rede que promovia a segregação, visto que era necessário um convite para a entrada, além, é claro, de um computador e acesso à Internet. Assim, a geografia da rede acaba também se caracterizando como uma geografia da exclusão e da inclusão, já que “a Internet é global em seu alcance; mas territorialmente desigual em termos de capacidade. No que se refere à distribuição espacial dos seus usuários, percebemos que a Internet é extremamente desigual”^{vii} (UEDA, 2004, tradução nossa). Ainda referente a essa perspectiva segregadora do Orkut, a mesma autora explana que a segregação era tanta que quem tinha poucos amigos “não estava com nada”. Os “melhores” perfis seriam aqueles com mais amigos, que podem ser ou não verdadeiros.

Ao longo dos anos posteriores, o Orkut foi crescendo em termos de número de usuários e importância no contexto da Internet no Brasil. Para muitos usuários, acessar a Internet era sinônimo de utilizar o Orkut. A retirada da necessidade de convites e o lançamento da versão em português permitiram que uma quantidade maior de indivíduos (antes excluídos da rede) pudesse ingressar, ocorrendo assim um aumento significativo do número de usuários de classes mais pobres, fato que coincidiu com o aumento da posse de

computadores em famílias com nível de renda mais baixo. Começa aí o que denominamos de “reação” por parte de alguns grupos contra a inserção desta faixa socioeconômica, já que o fato de possuir um perfil no Orkut era, até então, um fator de diferenciação social. Ilustraremos essa tese a partir da extração de alguns discursos de usuários, divulgados publicamente no próprio *site*.

Entre as comunidades que escolhemos para a exploração, destacam-se: “MID – Maldita Inclusão Digital”^{viii} (23.840 membros), “características de um favelado”^{ix} (2.772 membros); “Malditas Lan Houses”^x (473 membros); “Maldita Inclusão Digital”^{xi} (3.131 membros); e “O orkut ta cheio de pobre”^{xii} (2.817 membros). Em suas próprias nomenclaturas, é possível perceber que o foco das discussões vem ao encontro da insatisfação por um incremento na chamada “inclusão digital”. Os dados referentes à quantidade de membros foram coletados em 5 de janeiro de 2011. Todos os comentários que aqui serão apresentados foram retirados de tópicos registrados nos fóruns das mesmas, e o nome dos usuários fica mantido em sigilo, sendo substituído por alguma denominação genérica.

O primeiro exemplo analisado foi retirado da comunidade com maior número de membros e que também se caracterizava como a mais ativa na época. Existe um tópico no fórum da comunidade criado por um usuário criticando o lançamento de modelos populares de computadores no mercado, política estimulada pelo Governo Federal Brasileiro nos últimos anos.

a maldição é o pctv!!!da positivo!!!!
 tem tbm "o computador para todos" do governo federal!!!!
 hsuaHSUahsuhAUSHau
 e tinha tbm o computador do milhão que deu oportunidade de todos comprarem
 computador!!!!
 agora fica uma merda!!!!
 lanhouse tbm foi foda!!!! contribuiu demais!!!
 acessibilidade nem sempre é bom!!! (USUÁRIO “X”)^{xiii}

Nesta pequena mensagem (escrita com um linguajar muito comumente encontrado na Internet), são mencionados alguns elementos para a fundamentação da crítica: os computadores “Positivo PCTV” (modelo normalmente de preço mais baixo) e “Computador do Milhão” (este uma das primeiras tentativas de venda de computadores para famílias de baixa renda, em empreendimento realizado pela Microsoft e pelo SBT – Sistema Brasileiro de Televisão); o projeto estatal de inclusão digital “Computador para Todos”, além das *lan houses*. Quanto aos primeiros, trata-se de modelos populares, com preços normalmente inferiores. O “Computador para Todos” faz parte do Programa Brasileiro de Inclusão Digital do Governo Federal. Voltado para a classe C, permite à indústria e ao varejo a oferta de

computador e acesso à Internet a preços subsidiados e com linha de financiamento específica, além da isenção de impostos PIS/COFINS.

O enfoque dos comentários também recai sobre os centros públicos de acesso à Internet, mais especificamente as *lan houses*. Em mais um exemplo, selecionamos a descrição da comunidade “Malditas Lan Houses” a fim de ilustração:

Achava-se que a culpa era da Inclusão Digital, mas não! A culpa é das Lan Houses! A função da Inclusão digital é disseminar a tecnologia mostrando seus benefícios a sociedade. Mas foi só surgir as Malditas Lan Houses pra começar o desgosto! Orkut e MSN foram invadidos e transformados em verdadeiras FAVELAS! Sem contar a quantidade de erros ortográficos e novas formas de digitação e gírias que foram inventadas, formando um novo dialeto; o Orkutês ou MSNês (sic) (USUÁRIO “Y”)^{xiv}

Os estabelecimentos pagos representam, para 24% da população brasileira da Internet (Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2011), o local mais frequente de acesso. Esse dado (cujo índice já foi muito superior há alguns anos) é reflexo principalmente do aumento da possibilidade de acesso à Internet, mesmo para pessoas que não possuem computador em suas residências. As *lan houses*, em definição, são estabelecimentos comerciais equipados com computadores conectados em rede que proporcionam acesso à Internet e jogos de computador. Além disso, esses estabelecimentos também oferecem outros tipos de serviços, como impressão, *scanner*, consultas na *web*, etc. Algumas vão mais além, oferecendo também manutenção e conserto de máquinas, instalação de programas e redes, entre outros. No atual contexto, possuem grande importância para o acesso às TICs principalmente nas áreas mais pobres das cidades. O discurso contrário à função exercida pelas *lan houses* reflete uma espécie de insatisfação com o ingresso de grupos de baixa renda em um “território” até então utilizado por indivíduos com condições financeiras para isso (a compra do computador).

A questão socioeconômica também se reflete no grau de inclusão de um indivíduo. Um maior nível de renda normalmente significa a posse de computadores de melhor qualidade de conexão, disponibilidade de banda larga (que permite o acesso livre). Esses elementos significam um acesso mais frequente. Simbolicamente, essa situação está representada nesta mensagem na comunidade “Orkut ta cheio de pobre”, expondo o acesso esporádico de indivíduos que, pelas estatísticas (pois utilizaram a Internet pelo menos uma vez nos últimos três meses), até estão incluídos, mas não de maneira plena.

Bota um scrap pra um amigo seu e ele só responde 20 dias depois, sendo que ele não viajou e gosta de orkut (USUÁRIO “Z”).^{xv}

Embora o Facebook tenha sido lançado em fevereiro de 2004 (praticamente concomitante ao lançamento do Orkut), o seu crescimento no Brasil só ocorreria de maneira mais significativa muitos anos depois. Apenas em agosto de 2011, segundo dados da pesquisa

IBOPE Nielsen online, o Facebook passou a ser a rede com maior número de usuários únicos brasileiros (O GLOBO, 2011).

Tal como afirmou o jornalista e cronista Juremir Machado da Silva, em sua coluna publicada no jornal Correio do Povo de 29 de dezembro de 2010, “(...) a sociedade não vive sem fatores de distinção. Na Internet, ser do Orkut está em baixa. Estar no Facebook mostra que você é fashion” (SILVA, 2010). Raquel Recuero (2009) aponta os principais trunfos para o crescimento do Facebook no Brasil. Um deles é a universalidade, já que o Facebook se constitui na maior rede social na Internet do mundo em termos de abrangência, possuindo boa quantidade de usuários em diversos países, ao contrário do Orkut, no qual mais da metade dos participantes é do Brasil. Analisando a figura 1, temos a distribuição dos fluxos de informação no Facebook através do espaço mundial. Obviamente há regiões bastante marginalizadas (seja pela baixíssima densidade populacional ou pela pequena renda da maioria da população, fato que dificulta o acesso à Internet), tal como o Norte e o Nordeste do Brasil, África setentrional (Saara) e central, Rússia oriental e Ásia central.



Figura 1 - Representação dos fluxos de informação no Facebook através do espaço mundial. Fonte: Butler (2010)

Além disso, também se destaca a grande quantidade de aplicativos (principalmente os jogos), a maior preocupação com a privacidade dos dados e a necessidade de diferenciação.

A diferenciação é uma característica humana. Ao mesmo tempo que temos uma quantidade enorme de internautas de todas as cores, classes e credos no Orkut, surge também a necessidade de ser diferente, de estabelecer fronteiras. Penso que é possível que isso também aconteça em relação à adoção do Facebook no Brasil. Já observamos as qualificações de uso das ferramentas em termos como "orkutização" e "favelização do orkut" sendo constantemente repetidas. Essas qualificações refletem também características da apropriação das ferramentas e é preciso que se observe de perto como isso se reflete nos diversos grupos sociais (RECUERO, 2009).

Com base nessas ideias, realizamos uma espécie de analogia com uma das teorias apresentadas pelo geógrafo Roberto Lobato Corrêa a respeito dos processos espaciais: invasão-sucessão. Em suma, esse processo consiste na substituição, dentro de um determinado recorte espacial, de um grupo de moradores por outro grupo. Em bairros que são habitados, durante uma determinada época, por uma classe social, verifica-se uma “invasão” de pessoas de outras classes sociais (normalmente mais baixa). Inicia-se assim a saída da população de mais alta renda, e a consolidação do grupo de renda mais baixo (CORRÊA, 1997, p. 135).

Comparar o processo de invasão-sucessão nas cidades com o comportamento observado nas redes sociais na Internet no Brasil não é uma tarefa fácil. Na verdade, o que estamos demonstrando, à luz dessa teoria, baseia-se, sobretudo, nos argumentos expostos nas comunidades analisadas, como a “invasão da chinelagem” no Orkut, “ódio ao Orkut de favelados”, ou a crítica ao processo de inclusão digital sob o discurso do ingresso de populações pobres no contexto da sociedade da informação. Seria precipitado afirmar que está havendo, de fato, um processo semelhante ao que ocorre nas cidades no Orkut (e conseqüentemente no Facebook, que supostamente seria o local da imigração desses usuários). Mesmo assim, o ingresso das classes C, D e E nessas redes é um fenômeno que, na verdade, coincide com a própria penetração das TICs nestes grupos durante os últimos anos, fruto da redução dos preços dos computadores, do crescimento da infraestrutura de tecnologia de informação e do importante papel dos centros públicos de acesso à Internet.

A busca por outras plataformas de redes sociais na Internet, de certo modo, nos remete à dinâmica do apelo exercido pelos condomínios: o “viver entre iguais”, fato que reforça a homogeneidade social entre os moradores (no caso da Internet, os usuários), mantendo do lado externo todos os elementos “indesejáveis”, inclusive pessoas (CALDEIRA, 1997). De certa maneira, acreditamos que a lógica do processo é semelhante tanto no caso da moradia quanto no das redes sociais.

Considerações finais

Este trabalho realizou algumas explorações a respeito do estudo da segregação enfocado na questão das TICs. A incorporação das novas tecnologias tem proporcionado transformações no tocante às dinâmicas da sociedade, criando-se assim novas demandas sociais e econômicas originadas em virtude das novas necessidades surgidas. Procuramos demonstrar, portanto, de que maneira essa dimensão se apresenta perante uma óptica analítica sob dois vieses, que denominamos segregação *online* e *offline*.

A temática analisada aqui neste texto foi escolhida em virtude de entendermos que a inacessibilidade aos meios de entrada à Internet representa um elemento de divisão na

Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. V 3, n.1, p 1 -18. Janeiro/julho. 2013.

sociedade e, portanto, um componente segregador. Ao mesmo tempo, não se deve confundir o termo “segregação digital” com o de “exclusão digital”, já que o segundo acaba sendo determinante para o primeiro. Em outra frente, da mesma maneira, vimos brevemente a segregação sob o enfoque dos usuários de redes sociais, tendo como pano de fundo principalmente a reação contra o ingresso de “pobres” neste tipo de *site* e, conseqüentemente, o preconceito contra usuários de classes socioeconômicas mais baixas.

O estudo das transformações decorrentes das novas tecnologias consiste em uma importante frente de pesquisa para as ciências humanas, inclusive no tocante às questões da cidade, como o Planejamento Urbano e a Geografia (mais especificamente a Geografia Urbana). Analisar como essas tecnologias vêm alterando as dinâmicas sociais, bem como suas conseqüências no território consiste em uma importante possibilidade de estudos para as ciências humanas.

Referências

BARBOSA, A.; CAPPI, J.; TAVARES, R. Redes sociais: revolução cultural na Internet. In.: COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil 2005-2009**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2010.

BUTLER, P. **Visualizing Friendships**. 2010. Disponível em <<http://www.facebook.com/notes/facebook-engineering/visualizing-friendships/469716398919>> Acesso em 14 de junho de 2012.

CALDEIRA, T. Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana. *Novos Estudos*. **CEBRAP**. No. 47. São Paulo: março de 1997, pp. 155-176.

CARLOS, A.F.A. A segregação como fundamento da crise urbana. In.: BORZACHIELLO, J. **Panorama da Geografia Brasileira II**. São Paulo: Annablume, 2006. pp. 47-56.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CHAPARRO, J. La segregación digital en contacto. **Ar@cne. Revista electrónica de recursos en Internet sobre Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, nº 95, 1º de abril de 2007. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/ aracne/aracne-095.htm>> Acesso em 1 de janeiro de 2011.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2011**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012. Disponível em <<http://cetic.br/usuarios/tic/2011-total-brasil/index.htm>>. Acesso em 16 de junho de 2012.

CORRÊA, R. L. Processos Espaciais e a Cidade. **Trajatórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, pp. 121-143.

LÉVY, J; LUSSAULT, M. **Dictionnaire de la Géographie et L'espace des Sociétés**. Paris: Éditions Belin, 2003,

LÉVY, P. **Cibercultura**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MIRANDA-RIBEIRO, A.; GARCIA, R. A. Segregação Social Em Belo Horizonte: Uma Comparação Entre Dois Métodos De Fuzzy Clustering. In: **Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira**. CEDEPLAR, 2008

O GLOBO. **Ibope confirma que Facebook ultrapassa Orkut na preferência de brasileiros**. 10 set. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/ibope-confirma-que-facebook-ultrapassa-orkut-na-preferencia-de-brasileiros-2700158>>. Acesso em: 16 de junho de 2012.

ORKUT. **Informações sobre usuários**. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll>> . Acesso em 4 de janeiro de 2011

PRÉTECEILLE, E. A construção social da segregação urbana: convergências e divergências. **Espaço & Debates**, v. 24, n. 25, jan/jul 2004. pp. 11-23.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet: considerações iniciais**. 2004. 15p. Disponível em <www.pontomidia.com.br/raquel/intercom2004final.pdf>. Acesso em 3 de janeiro de 2011.

RECUERO, R. **Dinâmicas de Redes Sociais no Orkut e Capital Social**. 2006. 16p. Disponível em <www.pontomidia.com.br/raquel/alaic2006.pdf>. Acesso em 4 de janeiro de 2011.

RECUERO, R. **Facebook x Orkut no Brasil: Alguns apontamentos**. 2009. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/facebook_x_orkut_no_brasil_alguns_apontamentos.html . Acesso em 5 de janeiro de 2011.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M.L. **O Brasil: território e sociedade no início do Século XXI**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, J. M. As últimas da mídia. **Correio do Povo**. Porto Alegre, p. 2, 29. dez. 2010.

SORJ, B. **Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar / Brasília: Unesco, 2003.

UEDA, V. Geografía de la inclusión y de la exclusión. ¿Es Orkut la nueva red social en Internet?. **Biblio 3W**, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. IX, nº 533, 10 de septiembre de 2004. [ISSN 1138-9796]. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-533.htm>>. Acesso em 16 de junho de 2012.

ⁱ Deve-se tomar bastante cuidado ao realizar esse tipo de dualização entre “real” e “virtual”, por isso utilizamos as aspas. Desse modo, a distinção aqui realizada tem o intuito didático de diferenciar o “espaço de lugares” e o “espaço de fluxos” (CASTELLS, 2008), não representando nossa visão sobre o tema. Na realidade, as Tecnologias de Informação e Comunicação, ao serem apropriadas pelos indivíduos em seu cotidiano, acabam ganhando uma dimensão real, pois representam um significado e uma intenção para quem delas se apropria.

ⁱⁱ Conforme dados do IBOPE Nielsen Online, o Facebook ultrapassou o Orkut em termos de usuários únicos em agosto de 2011, tornando-se o maior *site* de rede social do Brasil (O GLOBO, 2011).

ⁱⁱⁱ Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll>> . Acesso em 4 de janeiro de 2011.

^{iv} Referências no artigo original da autora:

PRIMO, Alex. **Interação Mútua e Interação Reativa:** Uma proposta de Estudo. Trabalho apresentado no XXI Congresso da Intercom em setembro de 1998. Recife, PE. Disponível em <<http://usr.psyco.ufrgs.br/~aprimo/pb/intera.htm>>. Acesso em 06/01/2005.

_____. **Interação Mediada por Computador:** A comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional. Tese de Doutorado. Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação em março de 2003.

^v As categorias mencionadas no Orkut: Alunos e Escolas, Animais: de estimação ou não. Artes e Entretenimento, Atividades, Automotivo, Cidades e Bairros, Computadores e Internet, Culinária, Bebidas e Vinhos, Culturas e Comunidade, Empresa, Escolas e Cursos, Esportes e Lazer, Família e Lar, Gays, Lésbicas e Bi, Governo e Política, História e Ciências, Hobbies e Trabalhos Manuais, Jogos, Moda e Beleza, Música, Negócios, Países e Regiões, Pessoas, Religiões e Crenças, Romances e Relacionamentos, Saúde, Bem-estar e Fitness, Viagens, Outros. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Communities>> . Acesso em 4 de janeiro de 2011.

^{vi} Exemplo desse costume foram as comunidades dedicadas aos seriados mexicanos “Chaves” e “Chapolin”, ícones *cult* deste período de profusão do Orkut. As comunidades eram dedicadas a personagens, episódios, ou simplesmente falas ou cenas, representando milhares de novos grupos.

^{vii} No artigo original: “Internet es global en su alcance, pero territorialmente desigual en términos de capacidad. En lo que se refiere a la distribución espacial de sus usuarios, percibimos que Internet es extremadamente desigual” (UEDA, 2004)

^{viii} <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=11579093>> . Acesso em 5 de janeiro de 2011.

^{ix} < <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=44241710> >. Acesso em 5 de janeiro de 2011.

^x <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=52354249>> . Acesso em 5 de janeiro de 2011.

^{xi} < <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=19662078>> . Acesso em 5 de janeiro de 2011.

^{xii} <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=7482550>> . Acesso em 5 de janeiro de 2011.

^{xiii} <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=19662078&tid=5329538472813578800>>. Acesso em 5 de janeiro de 2011.

^{xiv} <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=52354249>>. Acesso em 5 de janeiro de 2011.

^{xv} <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=7482550>> . Acesso em 8 de janeiro de 2011.

Recebido para publicação em 21/05/2012

Aceito para publicação em 14/06/2012